

No lugar certo, na hora certa.

No momento em que se confirmam as expectativas eleitorais da imensa maioria da sociedade, com a eleição no primeiro turno do senador Fernando Henrique Cardoso para a Presidência da República, é hora de desfazer certos mitos que surgiram nos últimos dias da campanha eleitoral em todos os órgãos de informação do País, a fim de que se possa avaliar devidamente o verdadeiro significado desse resultado.

Em primeiro lugar, não é verdade que a campanha se desenvolveu em alto nível, como ficou confirmado, aliás, pela reação do principal candidato derrotado e do seu partido ante a divulgação das pesquisas de boca-de-urna. Alto nível manteve sempre o candidato vitorioso. Seu principal adversário, como comentamos nas diversas ocasiões em que teve esse tipo de atitude, perdeu completamente o autocontrole no momento em que se sentiu perdido. E partiu para agressões e falsas denúncias contra o concorrente mais forte e, o que é mais grave, recorreu à tática de tentar desmoralizar o próprio processo eleitoral, o que continua fazendo até agora na vã esperança de, pelo menos, reduzir a dimensão de sua derrota, que é fruto exclusivo do julgamento objetivo pelo eleitorado das suas propostas.

Nessa ordem de idéias, também não é verdade, ao contrário do que lemos muitas vezes nos jornais, nos últimos dias, e ouvimos nos meios eletrônicos de comunicação, que havia vários pontos comuns nos programas dos dois principais concorrentes à sucessão do presidente Itamar Franco. Em comum, como há sempre em todos os programas eleitorais de todos os partidos, havia as intenções proclamadas de dar ênfase à implementação deste ou daquele programa específico para a área social. Mas, apesar dos esforços do candidato petista e dos seus estrategistas de campanha para demonstrar o contrário, sobre o que é fundamental para que o Brasil possa encaminhar-se definitivamente para os rumos do Primeiro Mundo, houve sempre não apenas profundas diferenças mas até antagonismo entre as propostas do PT e as da aliança PSDB-PFL. Antagonismo que se deveu a indelével fidelidade dos grupos radicais que dominam o PT aos dogmas ideológicos do socialismo, o que resulta, na prática, em estatismo exacerbado, economia planificada, fechamento ao capital estrangeiro, defesa dos monopólios estatais, e, até, controle estatal da informação e da imprensa.

O PT e seu candidato perderam a eleição porque a sociedade rejeita esse tipo de projeto, principalmente no momento em que o projeto antagonico está dando certo, e não porque o ex-ministro Stephanenko propôs a participação de Fernando Henrique em festas de inaugurações de obras, e nem tampouco porque foram distribuídas milhões de cédulas adulteradas que os eleitores não poderiam depositar nas urnas. Ao tentar, na hora do desespero, explorar as emoções do eleitorado, o candidato Lula da Silva não se dava conta de que a maioria do eleitorado estava sendo levada pela razão.

Pode até parecer surpreendente a naturalidade com que a sociedade está recebendo os resultados das eleições, ainda agora sem qualquer emo-

ção, como se se tratasse apenas da simples rotina sucessória que é própria das democracias tradicionais. Essa total ausência de emoção, no entanto, não ofusca o verdadeiro significado desses resultados nos quais está embutida uma das mais profundas transformações do cenário político brasileiro já ocorridas em nossa história republicana. Talvez a sociedade não esteja percebendo a profundidade dessa transformação, que ela própria desencadeou, pelo fato de a vitória de Fernando Henrique Cardoso ter a conotação de uma reeleição. A imagem que nos vem à cabeça diante desse quadro é a de um processo eleitoral próprio dos regimes parlamentaristas: quando um primeiro-ministro, apoiado numa maioria exígua, sente que seu programa político-administrativo granjeou muito maior apoio popular do que tinha no momento em que começou a ser executado, dissolve o Parlamento, convoca nova eleição e, através dela, amplia a base de apoio parlamentar de que necessita para levar adiante seu programa de governo.

Confirmadas as pesquisas de boca-de-urna — e os primeiros resultados das apurações autorizam até a previsão de uma vitória do candidato Fernando Henrique mais ampla do que a que elas previram —, o presidente eleito terá recebido da sociedade brasileira um apoio ainda mais amplo do que aquele que ela já vinha dando ao plano de estabilização, para retomar o comando da sua execução e consolidar definitivamente os resultados até aqui obtidos na luta contra a inflação.

Por isso dissemos que os resultados destas eleições trazem embutidas profundas transformações no cenário político brasileiro.

Em conversa mantida com jornalistas desta casa na última vez em que nos visitou, há cerca de três semanas, dizia Fernando Henrique que era um homem de sorte por estar no lugar certo, na hora certa. Que, frequentemente na vida de um político, se apresentam as “condições objetivas” para chegar ao poder, mas, mesmo se tratando de um político que quer mudar as coisas, não existem as mesmas “condições objetivas” para fazer grandes mudanças, nos meios políticos e no estado de espírito da população. Só muito raramente apresentam-se as condições para se operar essas mudanças. E acrescentava que este era um desses raros momentos em que há uma coincidência entre a vontade de quem é dono do poder — ele não tinha dúvida de que seria eleito — e as expectativas e anseios da sociedade.

É exatamente isso que os resultados das eleições estão confirmando: o “primeiro-ministro” Fernando Henrique disputou a “reeleição” a fim de obter do eleitorado o reforço de cacife político de que necessitava para completar a obra que iniciou como ministro da Fazenda. Com esse mandato — quase específico — na mão, no lugar certo, na hora certa, o homem certo terá todas as “condições objetivas” para levar o nosso Congresso que está saindo das urnas a obedecer ao comando da sociedade. Todas as forças que até aqui se opunham ao seu plano estão sendo desbaratadas nas urnas de 3 de outubro.